

LEVANTAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO DOS WAI WAI EM ORIXIMINÁ/PARÁ

2

SOCIOLINGUISTIC SURVEY OF THE WAI WAI IN ORIXIMINÁ/PARÁ

Denize de Souza Carneiro¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0980-8359>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0877607760576666>

Vanessa Maki Wai Wai²

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3022-7893>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8692593714128951>

RESUMO: Este estudo investiga a situação sociolinguística dos Wai Wai que migraram para Oriximiná/PA. Originários de uma ampla região que se estende do sul da República da Guiana até o leste de Roraima e ao noroeste do Pará, os Wai Wai, no Brasil, somam cerca de 3.500 indivíduos, distribuídos nas Terras Indígenas Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera e Wai Wai, na fronteira entre Pará, Amazonas e Roraima. A pesquisa adota uma abordagem teórico-metodológica baseada na Sociolinguística, linha da Sociologia da Linguagem, com ênfase no fenômeno do bi/plurilinguismo. Seu principal objetivo foi mapear o bilinguismo individual e social, investigar as atitudes linguísticas e compreender as projeções dos Wai Wai em relação ao futuro de sua língua. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com famílias Wai Wai residentes em Oriximiná. Os resultados indicam que o repertório linguístico dos participantes inclui quatro línguas – Wai Wai, Hixkaryana, Português e Inglês –, com a seguinte distribuição: 53,85% vivenciam uma situação de plurilinguismo, 43,56% de bilinguismo e 2,59% estão em processo de aquisição linguística. Embora o plurilinguismo seja predominante, o uso efetivo das línguas se concentra principalmente no Wai Wai e no Português, com domínios funcionais já flutuando em algumas situações. Ainda assim, os entrevistados expressam uma atitude linguística favorável à sua língua.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo e plurilinguismo. Usos e valor funcional. Atitude linguística. Povo Wai Wai.

ABSTRACT: This study investigates the sociolinguistic situation of the Wai Wai who migrated to Oriximiná, PA. Originating from a broad region extending from southern Guyana to eastern Roraima and northwestern Pará, the Wai Wai population number in Brazil is around 3,500 individuals, distributed across the Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera, and Wai Wai Indigenous Lands, on the border between Pará, Amazonas, and Roraima. The research adopts a theoretical-methodological approach based on Sociolinguistics, a branch of Language Sociology, with an emphasis on the phenomenon of bi-/plurilingualism. Its main objective was to map individual and social bilingualism, investigate language attitudes and understand the Wai Wai's projections regarding the future of their language. Data were gathered through interviews with Wai Wai families residing in Oriximiná. The results indicate that the participants' linguistic repertoire includes four languages – Wai Wai, Hixkaryana, Portuguese, and English – with the following distribution: 53.85% experience a situation of plurilingualism, 43.56% of bilingualism, and 2.59% are in the process of language acquisition. Although plurilingualism is predominant, the effective use of languages is primarily concentrated in Wai Wai and Portuguese, with functional domains already fluctuating in some situations. Nevertheless, respondents express a positive linguistic attitude toward their language.

KEYWORDS: Bilingualism and plurilingualism. Uses and functional value. Linguistic attitude. Wai Wai People.

¹ Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: denizesc10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0980-8359>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0877607760576666>.

² Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: vanessamaki12@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3022-7893>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8692593714128951>.

Introdução

A maior parte dos indígenas do Brasil, aproximadamente 60%, vive, atualmente, fora de seus territórios tradicionais (IBGE, 2022), localizam-se, principalmente em áreas urbanas, um processo migratório que teve um aumento significativo nas últimas décadas. No entanto, em áreas urbanas, os indígenas frequentemente encontram dificuldades no acesso a certos serviços, principalmente, de saúde e, muitas vezes, vivem em condições de moradia inadequadas.

Além disso, sob a pressão da língua dominante, muitos deixam de interagir em suas línguas nativas com familiares e outros membros do seu povo. A falta de valorização das línguas indígenas e a necessidade de “integração” ao ambiente urbano para melhorar suas condições de vida resultam no abandono gradual da língua materna, contribuindo para o seu enfraquecimento etnolinguístico.

Este trabalho se justifica pela ausência de pesquisas dessa natureza em Oriximiná e pelo interesse teórico relacionado às línguas minoritárias em espaços urbanos. Documentar e analisar as línguas nativas que resistiram ao processo de glotocídio não é apenas importante e urgente para os povos que as falam, mas também para a ciência, uma vez que isso contribui para uma melhor compreensão da capacidade humana de produzir e utilizar diferentes línguas (Rodrigues, 1999).

Com base nas diretrizes teórico-metodológicas da Sociolinguística, alinhada à Sociologia da Linguagem (cf. seção 3), este estudo descreve e analisa: o grau de bilinguismo dos Wai Wai em Oriximiná (bilinguismo individual); o valor funcional das línguas em seu repertório (bilinguismo social); as atitudes linguísticas dos membros da comunidade; e a continuidade ou interrupção da transmissão da língua indígena entre gerações.

Esta pesquisa é de natureza mista (Quali/Quanti), integrando abordagens qualitativa e quantitativa de forma complementar. A análise quantitativa, ao fornecer dados estatísticos, exige a interpretação qualitativa para conferir significado e contexto aos resultados. Simultaneamente, a abordagem qualitativa é fundamental para identificar, descrever e compreender as nuances e ocorrências do fenômeno investigado, enriquecendo a análise com uma compreensão mais profunda da realidade estudada.

Os dados analisados foram coletados junto a indivíduos de seis famílias Wai Wai que aceitaram participar deste estudo. Foram obtidos por meio de entrevistas baseadas em um questionário semiestruturado, com perguntas elaboradas para atender aos objetivos da pesquisa. As questões abordam aspectos como informações contextuais sobre a vida urbana, padrões de migração, repertório e habilidades

linguísticas, uso das línguas, atitudes linguísticas e a continuidade ou interrupção da transmissão da língua indígena.

A análise baseou-se nas respostas dos participantes e nas observações sobre sua interação comunicativa dentro do núcleo familiar. Consideramos variáveis como sexo, idade, estrutura familiar, tempo de residência na cidade, experiência migratória e escolaridade, pois essas variáveis podem influenciar o comportamento linguístico dos falantes e são relevantes em estudos sociolinguísticos.

Este trabalho está estruturado em três seções principais, além da introdução. Na primeira seção, apresentamos um panorama contextual sobre o povo Wai Wai. Na segunda, discutimos os conceitos fundamentais relacionados ao bilinguismo e ao valor funcional das línguas. Na terceira, detalhamos os resultados da análise realizada. Finalmente, concluímos com algumas considerações finais.

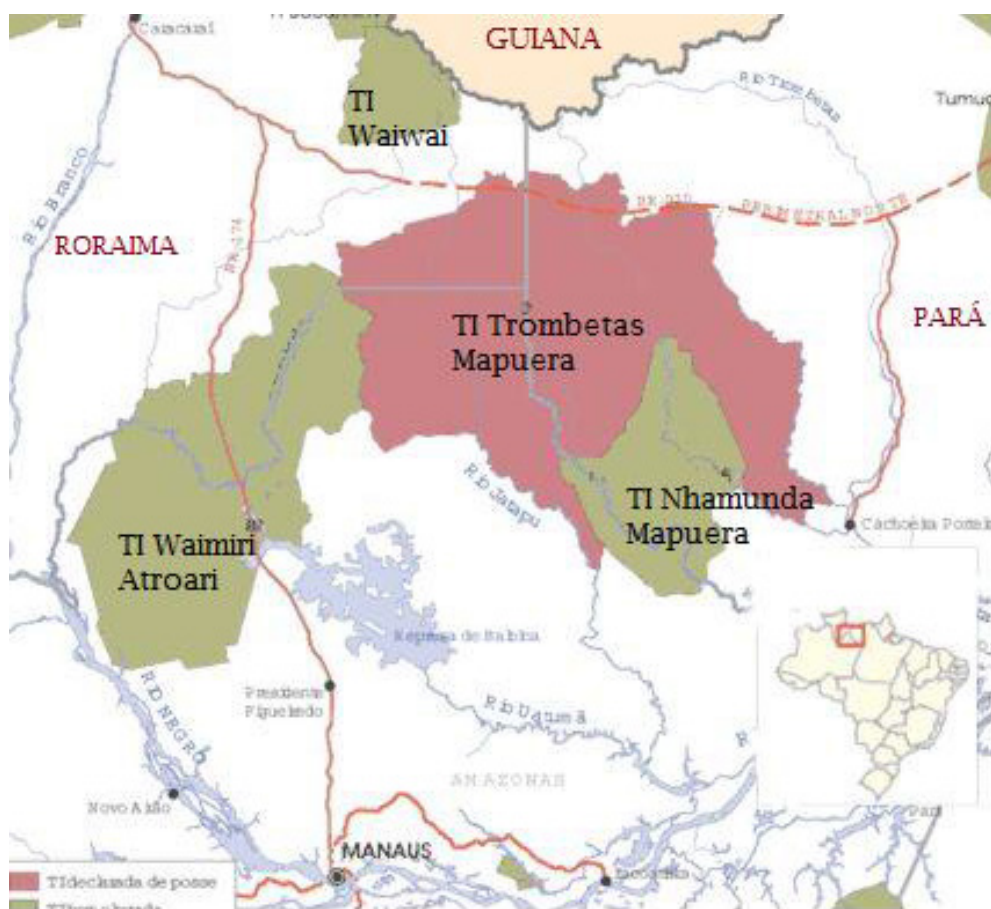
1 Os Wai Wai

Wai Wai é a denominação de um complexo grupo pluriétnico e multicultural que por força de acontecimentos históricos e problemas sociais (doenças e outros) se viram numa situação de agrupamento e unificação. Um grupo formado pela agregação e acolhimento de vários subgrupos distintos que antes viviam, mesmo que imersos em relações sociais entre si, em separado. Wai Wai, então, é uma denominação genérica para designar um coletivo de povos ou subgrupos (Cardozo e Vale Jr, 2012; Caixeta de Queiroz, 2015).

Em conjunto, esses subgrupos formam o Complexo Tarumã-Parukoto (FRIKEL apud QUEIROZ, 2015), constituído pelas línguas Wai Wai, Hixkaryana, Xereu, Mawayana, Karapawyana, Tunayana, Parukoto e Katuena. Tais línguas são da família karib, salvo pelo caso do Mawayana, uma língua da família Aruák, que integra esse complexo por razões culturais e proximidade geográfica. A família linguística karib é classificada por Rodrigues (2013) como uma família isolada. Ela é formada por 22 línguas, faladas por, aproximadamente, 38 mil pessoas, no Brasil, nas Guianas, na Venezuela e na Colômbia.

1.1 A localização e a população dos Wai Wai

Os subgrupos do Complexo Tarumã-Parukoto, no Território Brasileiro, estão distribuídos nos estados do Pará, Amazonas e Roraima, na chamada Amazônia Setentrional, em Três Terras Indígenas: na Terra Indígena Nhamundá-Mapuera; na Terra Indígena Trombetas-Mapuera e na Terra Indígena Wai Wai (conforme ilustra o mapa 01).



Fonte: Rodrigues (2012, p.18 apud ISA, s.d)

Essas terras, no Brasil, situam-se na fronteira tríplice dos estados do Pará, Amazonas e Roraima, sendo que as TIs Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera são cortadas ao meio pela linha do Equador.

Juntas, somam uma área de 5.427 ha (cinco mil, quatrocentos e vinte e sete hectares) com a seguinte distribuição: 1.050 ha (mil e cinquenta hectares) correspondem à TI Nhamundá-Mapuera; 3.971 ha (três mil, novecentos e setenta e um hectares) à TI Trombetas-Mapuera e 406 ha (quatrocentos e seis hectares) à TI Wai Wai (ISA, 2021a; 2021b; 2021c).

A população desse coletivo soma 3.469 pessoas. A TI Nhamundá-Mapuera conta com a maior parcela dessa população, são 2.293 Wai Wai, cuja maioria concentra-se na aldeia polo da região, a Mapuera. Nas demais terras, a população é, respectivamente, de 811 e 365 pessoas (ISA, 2021a; 2021b; 2021).

Quanto à informações sobre as aldeias Wai Wai, não encontramos um levantamento que as apresente distribuídas por TI. Além disso, parte do povo vive em comunidades que ficaram fora das terras demarcadas. No entanto, achamos relevante o levantamento de Rodrigues (2012), que apresenta as comunidades onde

vivem os subgrupos do Complexo Tarumã-Parukoto, por rio, conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1 – Comunidades Wai Wai

Rio	Aldeia
Nhamundá	(1) Anauá, (2) Xaari, (3) Cobra, (4) Soma, (5) Makará, (6) Jatapuzinho, (7) Katuau, (8) Samaúma, (9) Kassawá
Trombetas	(1) Bacabau, (2) Santidade, (3) Porteira, (4) Jutai, (5) Riozinho, (6) Cafezal, (7) Areia, (8) Kaspakuru, (9) Turuni, (10) Ayaramã, (11) Matrixã, (12) Torre, (13) Gavião, (14) Santa, Maria
Mapuera	(1) Tawanã, (2) Passará, (3) Mapium, (4) Kwanamari , (5) Takará, (6) Inajá, (7) Parayisi, (8) Placa, (9) Mapuera , (10) Tamayuru, (11) Pomkuru, (12) Bateria (ou Uakri) e (13) Yawará

Fonte: própria, com base em Rodrigues (2012, p. 23)

Das 36 comunidades mencionadas por Rodrigues (2012), destacamos as aldeias Mapuera e Kwanamari, situadas ao longo do rio Mapuera, de onde se originam os participantes deste estudo. Essas localidades assumem, portanto, uma relevância particular no contexto da pesquisa.

1.2 Oriximiná, lócus da pesquisa

Oriximiná é a cidade sede do município de mesmo nome, localizado na mesorregião do Baixo Amazonas, oeste do Pará. Com uma extensão territorial de 107.604,4 km², é o segundo maior município do estado do Pará. A ocupação oficial da cidade, banhada pelo rio Trombetas, iniciou-se em 1877, sob a liderança do padre José Nicolino de Souza. Em 9 de junho de 1894, durante o governo de Lauro Sodré, a localidade conhecida como Uruá-Tapera foi elevada à categoria de vila, recebendo o nome de Oriximiná. Poucos meses depois, em 5 de dezembro do mesmo ano, Oriximiná foi formalmente instalada como município, tendo como primeiro prefeito Pedro Carlos de Oliveira. No entanto, em 3 de abril de 1900, por meio da Lei nº 729, durante o governo de Paes de Carvalho, o município foi extinto por motivos políticos. De acordo com essa lei, o território de Oriximiná deveria ser repartido entre os municípios vizinhos de Faro e Óbidos. Na prática, contudo, o município acabou sendo anexado integralmente a Óbidos, o que resultou em um atraso no desenvolvimento local. Foi apenas em 24 de dezembro de 1934, com a promulgação da Lei nº 1.442, que Oriximiná recuperou sua autonomia política, embora com um território reduzido em comparação à área original, estabelecida no governo de Lauro Sodré (Prefeitura de Oriximiná, s.d; Espocabode.com.br).

Atualmente, Oriximiná conta com uma população de 72.460 habitantes (IBGE, 2022), que são chamados de *oriximinaenses*. A cidade é também o lar de diversas famílias Wai Wai, uma comunidade indígena de significativa presença na sede desse município. Porém, no momento, não há dados demográficos específicos sobre essa população (em Oriximiná), disponíveis para serem incluídos nesse estudo.

2 Bilinguismo: algumas noções

Considerando que o bilinguismo não é um fenômeno *per se*, pois vários fatores contribuem para sua ocorrência, por exemplo, a migração de pessoas, o casamento intergrupar, o trabalho e o estudo (Mello, 1999), esta pesquisa foi conduzida sob a perspectiva da Sociolinguística, especificamente na linha da Sociologia da Linguagem. O foco dessa abordagem é o estudo das relações mais amplas entre língua e sociedade, envolvendo fenômenos como bi- e/ou plurilinguismo, *diglossia*, atitudes linguísticas, manutenção e mudança linguística, planejamento e standardização de línguas (Gumperz apud Bortoni-Ricardo, 2014). O estudo a ser apresentado baseia-se ainda nas reflexões teóricas de De Heredia (1989), que aborda o bilinguismo individual, e de Fishman (1971; 1974), que discute o bilinguismo social.

O bilinguismo é amplamente reconhecido pelos linguistas como um fenômeno complexo, em grande parte devido às diversas abordagens e definições que o cercam. Como destaca Mello (1999), embora o conceito de bilinguismo seja intuitivamente compreendido, as dificuldades surgem ao tentar defini-lo de forma precisa. Isso se deve ao fato de muitas definições se basearem em padrões ideais e generalizados, que acabam por não contemplar todas as realidades dos falantes. Por esse motivo, muitos autores optam por tratar o bilinguismo a partir de sua tipologia e das particularidades observadas no uso real da língua.

De Heredia (1989), em seu estudo sobre as habilidades linguísticas de famílias migrantes para Paris, classifica o bilinguismo em *passivo* e *ativo*. No bilinguismo passivo, o indivíduo compreende duas línguas, mas só é capaz de falar uma. Já no bilinguismo ativo, a pessoa possui habilidades tanto de compreensão quanto de fala em ambas as línguas. A autora observou que, no contexto de famílias migrantes, a língua de origem tende a ser a principal forma de comunicação no início da residência em um novo local. No entanto, à medida que a interação com o ambiente se intensifica - no trabalho, na escola, na igreja e na comunidade -, a língua do novo ambiente tende a substituir a de origem, especialmente entre os mais jovens. Esses, frequentemente, tornam-se bilíngues ativos na língua do novo ambiente e passivos na língua de origem.

Beardsmore (1982 apud Mello, 1999) complementa essa discussão ao classificar o bilinguismo com base no uso que o falante faz das línguas de seu repertório, distinguindo-o entre *bilinguismo receptivo* (ou passivo) e *bilinguismo produtivo*. No bilinguismo receptivo, o indivíduo é capaz de compreender a fala e/ou a escrita de uma segunda língua, mas não consegue se expressar nela, seja oralmente ou por escrito. Já no bilinguismo produtivo, além da compreensão e leitura, o indivíduo também consegue se comunicar oralmente e, em muitos casos, escrever na segunda língua.

Fishman (1971) entende que, embora o bilinguismo seja uma habilidade linguística individual, a escolha de uma ou outra língua (ou variedade), assim como seu uso não ocorre aleatoriamente. Ele é determinado sócio-culturalmente, a partir da *situação*, isto é, da “co-ocorrência de dois (ou mais) interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num determinado contexto” (idem, p. 29). Assim, para compreender a interação entre o uso da língua e a organização social do comportamento dos bilíngues em uma comunidade de fala, o estudo deve contemplar: (i) uma análise sincrônica e (ii) uma diacrônica. Na primeira, busca-se conhecer os padrões de organização social existentes no uso das línguas na comunidade de fala e do comportamento linguístico, perseguindo respostas para as seguintes questões: quem fala, ou escreve, que língua, a quem, quando e para que fim? Na segunda análise, busca-se elucidar fatores que condicionam as diferentes mudanças na organização social do uso da língua e do comportamento em relação a ela.

As situações variam amplamente e, por isso, o autor as classifica em categorias, as quais chama de *domínios sociais*, uma vez que também são definidos socioculturalmente. Esses domínios incluem, por exemplo, o ambiente familiar, escolar, universitário, religioso, de trabalho, da vizinhança e de amigos. Cada domínio representa um contexto específico de interação linguística, exigindo o uso de uma ou outra língua (ou variedade) do repertório do falante bilíngue.

Um exemplo elucidativo das escolhas linguísticas em situações comunicativas é apresentado por Grosjean (1982 apud Mello, 1999), ilustrado no Quadro 2. Ele descreve a rotina de Nicole, uma enfermeira francesa que viveu 25 anos em Paris antes de se mudar para os Estados Unidos com seu marido (Roger) e seu filho (Marc). No momento descrito, Nicole já residia nos Estados Unidos há oito anos.

<p>Roger prepara o café da manhã na cozinha. Nicole chega: – Tu veux du café ou du thé? (‘Você quer café ou chá?’) – Du café mais dans un <i>mug</i>, s’il te plait. (‘Café, mas em uma caneca, por favor.’)</p> <p>Enquanto Roger continua preparando o café, Nicole vai ao quarto de Marc e diz: – Marc, you’d better get up; your bus is coming by in half an hour. (‘Marc, é melhor você levantar; seu ônibus está passando em meia hora.’)</p> <p>Nicole volta à cozinha e começa a falar com Roger sobre o cateterismo que foi feito no hospital onde trabalha, no dia anterior. Suas sentenças em francês são recheadas de palavras técnicas em inglês (...). Percebendo que Marc ainda não levantou, ela diz a Roger: – Va chercher Marc <i>and bribe him</i> avec un chocolat chaud <i>with cream on top</i>. (‘Vá chamar Marc e seduza-o com um chocolate quente com creme.’)</p> <p>A mistura do francês e do inglês faz Roger rir e ele diz: – Tu aurais pu dire tout ça © français. (‘Você poderia ter dito tudo isso em francês.’)</p> <p>Roger vai até o quarto de Marc e diz: – Now it’s really time to get up. <i>Lève-toi</i>. (‘Agora, realmente está na hora de levantar. Levante-se.’)</p> <p>Marc levanta-se e vai até a cozinha para tomar café. Nicole diz: – Now eat quickly, you’ve got to go soon. (‘Coma depressa, você tem que ir logo.’)</p> <p>E dirigindo-se à Roger: – Tu me donnes encore © peu de café? (‘Você me dá mais um pouco de café?’)</p> <p>No ônibus [a caminho do trabalho], Nicole conversa em inglês com uma senhora americana (...)</p> <p>No trabalho, encontra suas duas colegas e amigas, Ann, uma americana, e Martine, uma francesa. Ela diz <i>Hi</i> para Ann, beija Martine no rosto e pergunta: – Tu étais malade hier? (‘Você estava doente ontem?’)</p> <p>Ela troca mais algumas palavras com Martine em francês enquanto Ann está trabalhando em um canto, mas quando Ann se aproxima, as duas passam para o inglês. O resto da manhã elas passam alternando o francês e o inglês dependendo do assunto (profissional – inglês) e das pessoas que se aproximam (médicos, outros profissionais do hospital, pacientes).</p> <p>Quando Nicole chega em casa, encontra Marc aborrecido porque as crianças na escola o chamaram de <i>dirty frog</i> (‘sapo sujo’). Ela tenta consolá-lo dizendo que de forma alguma ele é diferente das outras crianças americanas e que eles fazem isso porque sabem que seus pais são franceses. Em seguida, Nicole leva Roger para se encontrar com os amigos e lá conversa, em inglês, com outros pais sobre o preço dos equipamentos de esporte, escola etc.</p> <p>À noite, durante o jantar e em companhia dos pais de Roger que vieram de férias da França, toda a conversação se passa em francês. Nenhuma palavra em inglês é ouvida durante todo o jantar.</p>
--

Fonte: Grosjean (1982, p. 113 a 115 apud MELLO, 1999, p. 49), com algumas adaptações nossas.

O quadro ilustra como Nicole alterna entre o francês e o inglês, dependendo dos interlocutores, do contexto e do conteúdo da conversa. Com os adultos de sua família, ela tende a usar o francês, enquanto com seu filho, a comunicação ocorre em inglês, a língua do ambiente, provavelmente devido à preferência dele por se expressar nesse idioma. Nota-se que as escolhas linguísticas de Nicole são norteadas

pela *situação*, o que se reflete nos domínios sociais em que ela transita: familiar, transporte, escola e trabalho.

A noção de *domínios*, conforme Fishman (1971), está intimamente relacionada ao contexto sociointeracional do evento de fala e ao *comportamento linguístico* do indivíduo, ou seja, ao uso efetivo da língua. Isso inclui como os falantes escolhem qual língua ou variedade utilizar em diferentes contextos sociais, influenciados por fatores socioculturais, contextuais e pelas suas *atitudes linguísticas* - as opiniões, crenças, sentimentos e avaliações que têm em relação a uma ou mais línguas ou variedades. Essas atitudes podem ser positivas, negativas e trazem implicações sobre como as pessoas valorizam ou depreciam uma língua ou dialeto, influenciando questões como prestígio social, identidade cultural e preferências linguísticas.

De acordo com Grosjean (1982 apud Mello, 1999), a escolha da língua ou variedade para a comunicação com os filhos está frequentemente relacionada a uma conexão afetiva com a língua de origem. Quando um indivíduo mantém um forte vínculo emocional com sua língua materna e se orgulha de sua herança cultural, ele se esforça para preservá-la e transmiti-la aos filhos.

Quanto à classificação do bilinguismo social, Fishman apresentou dois tipos principais: o *bilinguismo estável* e o *bilinguismo instável*. O bilinguismo é considerado estável quando a diferenciação funcional entre as variedades do repertório linguístico dos falantes é sistemática e amplamente mantida. Isso indica que as comunidades preservam seus padrões sociolinguísticos, com as línguas mantendo seus próprios domínios sociais e permanecendo funcionalmente distintas, sem que uma língua substitua a outra em seus respectivos domínios.

Por outro lado, o bilinguismo é classificado como instável quando a distribuição funcional das línguas não é claramente definida e há flutuações entre os domínios das diferentes variedades linguísticas. Nesse caso, uma das línguas começa a perder seu valor funcional, deixando de ser usada em domínios sociais que anteriormente lhe pertenciam. Isso pode resultar na diminuição do uso da língua na comunidade e, em muitos casos, levar a uma situação de monolinguismo.

Essas reflexões teóricas sobre o bilinguismo, tanto individual quanto social, são fundamentais para a análise da situação sociolinguística do povo Wai Wai em Oriximiná, e também podem ser aplicadas para caracterizar o plurilinguismo.

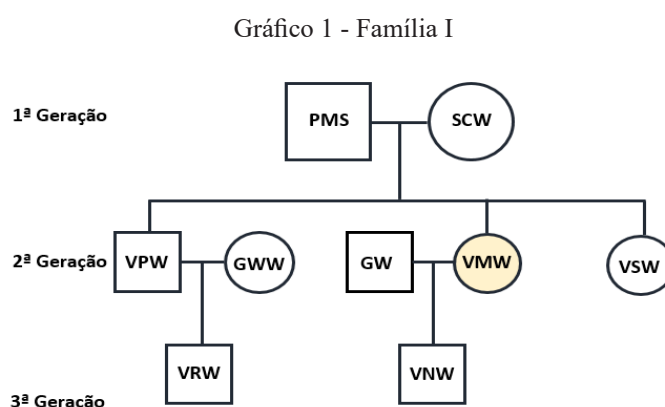
3 Levantamento sociolinguístico dos Wai Wai em Oriximiná

Esta seção dedica-se à apresentação dos resultados da pesquisa. Conforme exposto, buscamos conhecer o nível de *bi-* e/ou *plurilinguismo* das famílias Wai Wai em Oriximiná, assim como usos e as atitudes linguísticas nos diversos domínios em que interagem.

Apresentamos, nesta subseção, a constituição das famílias Wai Wai que residem em Oriximiná, participantes da pesquisa, assim como dados sobre sua migração, escolaridade e forma de subsistência. Para melhor visualização da constituição familiar, elaboramos gráficos, nos quais os integrantes das famílias são apresentados por geração. As letras presentes nos gráficos são siglas que fazem referência aos componentes das famílias. Os homens são indicados por um quadrado e as mulheres por um círculo. Os quadrados e os círculos com preenchimento amarelo indicam o membro da família que forneceu os dados, com a anuência dos seus familiares.

Família I

A família I, originária da aldeia Mapuera, é composta por 10 pessoas, todas pertencentes ao povo Wai Wai (etnia Wai Wai), distribuídas entre as gerações da seguinte forma: 2 da primeira geração, 5 da segunda e 2 da terceira, conforme ilustrado no gráfico 1.



Fonte: própria.

O casal da primeira geração, PMS (51 anos) e SCW (47 anos), teve três filhos: VPW (30 anos) e VMW (28 anos), nascidos na aldeia, enquanto VSW (11 anos) nasceu em Oriximiná. O filho mais velho, VPW, formou família com uma pessoa da mesma etnia e teve um filho, VRW (2 anos). A filha do meio, VMW, teve um filho, VNW (6 anos), com um parceiro também Wai Wai, mas não se casou.

A migração para Oriximiná começou diretamente da aldeia em 2002, com VPW vindo para cursar o ensino básico. Em 2005, VMW seguiu o mesmo caminho. Desde então, os pais alternavam entre a aldeia e a cidade até que, em 2010, decidiram

estabelecer residência permanente em Oriximiná. A família visita a aldeia Mapuera apenas durante as férias escolares.

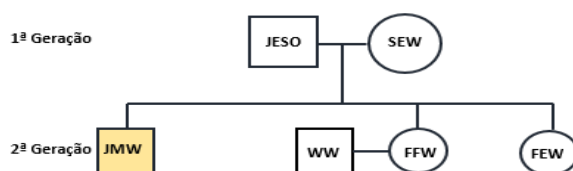
No que diz respeito à situação escolar, a família I apresenta um quadro bastante positivo. Em Oriximiná, os pais também deram continuidade aos seus estudos: PMS concluiu Licenciatura em Filosofia e SCW completou o Ensino Fundamental. Os filhos mais velhos estão matriculados na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), com VPW cursando Engenharia Ambiental e VMW Licenciatura em Letras, enquanto a filha mais nova, VSM, está no 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal.

Todos os membros da família residem na mesma casa, que é própria, localizada em um bairro central de Oriximiná, a qual conta com infraestrutura básica, como energia elétrica, água encanada e rua asfaltada. O pai é o principal responsável pelo sustento da família, atuando como funcionário público. Os dois filhos mais velhos contribuem parcialmente para as despesas da casa por meio de bolsas de auxílio estudantil.

Família II

A família II é originária da aldeia Kwanamari e constitui-se de 06 pessoas, todas integrantes do povo Wai Wai (etnia Hixkariana). São 02 da primeira geração e 04 da segunda, conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Família II



Fonte: própria.

JESO (pai, 54 anos) e SEW (mãe, 48 anos) tiveram três filhos, todos nascidos na aldeia Kwanamari: JMW (25 anos), FFW (22 anos) e FEW (18 anos). Dentre eles, apenas FFW formou família com uma pessoa do povo Wai Wai, embora ainda não tenha filhos.

A relação da família com Oriximiná começou em 2003, quando os pais, membros da primeira geração, visitavam a cidade quase mensalmente para realizar compras e acessar serviços bancários, mas não estabeleceram residência permanente, fazendo apenas visitas pontuais. A migração definitiva para a cidade ocorreu em

2012, quando JMW se mudou para cursar o ensino médio. Em seguida, FFW e FEW também migraram, em 2015 e 2016, respectivamente, para continuar seus estudos. Atualmente, os filhos visitam Kwanamari durante feriados prolongados e férias escolares, enquanto os pais permanecem morando na aldeia.

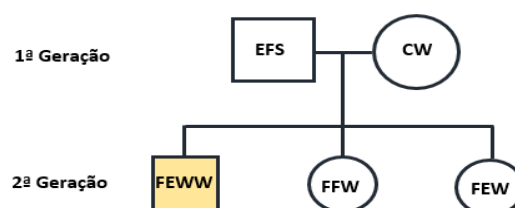
Todos os membros da família II possuem formação educacional. JESO e SEW concluíram o ensino médio na aldeia, e seus filhos estão em processo de formação acadêmica. As duas filhas mais velhas estudam na Ufopa: JMW está cursando Ciências Biológicas e FFW, Sistemas de Informação, ambas no Campus de Oriximiná. FEW, a filha mais nova, está no terceiro ano do ensino médio e se prepara para ingressar na universidade.

Em Oriximiná, os filhos, juntamente com o genro WW, residem na casa da família, localizada no bairro São José Operário. A residência conta com energia elétrica, água encanada e rua asfaltada. O pai, JESO, é o principal provedor da família, trabalhando como Agente Indígena de Saúde (AIS) e complementando a renda com atividades agrícolas que desenvolve junto com sua esposa. Além disso, JMW contribui nas despesas familiares com o auxílio financeiro proveniente de sua bolsa estudantil universitária.

Família III

A família III é originária da aldeia Mapuera. Constitui-se de 05 pessoas, todas integrantes do povo Wai Wai (etnia Wai Wai). São 02 da primeira geração e 03 da segunda (cf. gráfico 3).

Gráfico 3 - Família III



Fonte: própria.

O casal da primeira geração, EFS (49 anos) e CW (43 anos), teve três filhos, todos nascidos na aldeia Mapuera: FEWW (25 anos), FFW (21 anos) e FEW (12 anos). Nenhum dos filhos é casado.

A migração da família para Oriximiná começou em 2003, quando FEWW se mudou para cursar o ensino básico. Em seguida, seus irmãos também migraram para

a cidade com o mesmo objetivo: FFW, em 2009, e FEW, em 2013. Seus pais continuam morando em Mapuera, mas visitam os filhos com frequência.

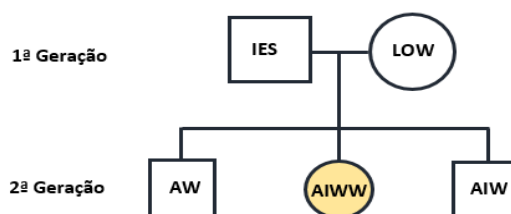
Quanto à formação escolar da família, EFS (pai) está se formando em Pedagogia, enquanto CW (mãe) tem o ensino fundamental incompleto. FEWW, o filho mais velho, está cursando Biotecnologia na Ufopa, FFW concluiu o ensino médio, e FEW, o filho mais novo, está no 8º ano do ensino fundamental em uma escola municipal.

Todos os membros da família residem na mesma casa, que pertence aos pais, localizada no bairro São Pedro. Assim como o bairro São José Operário, o São Pedro fica em uma área central de Oriximiná, com energia elétrica, água encanada e ruas asfaltadas. As despesas da família, na cidade, são majoritariamente cobertas pelo pai, EFS, que atua como Vice-Diretor em uma escola indígena, e pela filha FFW, que é funcionária da prefeitura de Oriximiná. Ambos são servidores públicos, garantindo assim a maior parte da renda familiar.

Família IV

A família IV é originária da aldeia Mapuera. Constitui-se de 05 pessoas, todas integrantes do povo Wai Wai (etnia Wai Wai), 02 da primeira geração e 03 da segunda, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4 - Família IV



Fonte: própria.

IES (54 anos) e LOW (56 anos) são pais de três filhos, todos nascidos na aldeia Mapuera: AW (31 anos), AIWW (27 anos) e AIW (21 anos). Nenhum dos filhos constituiu família ainda.

A migração da família para Oriximiná ocorreu de forma direta, da aldeia para a cidade, a partir de 2008, com a vinda de AW para cursar o ensino básico. Posteriormente, seus irmãos AIWW e AIW também se mudaram, em 2016, para dar continuidade aos estudos. Os pais continuam vivendo em Mapuera, enquanto os filhos visitam a aldeia apenas durante as férias escolares.

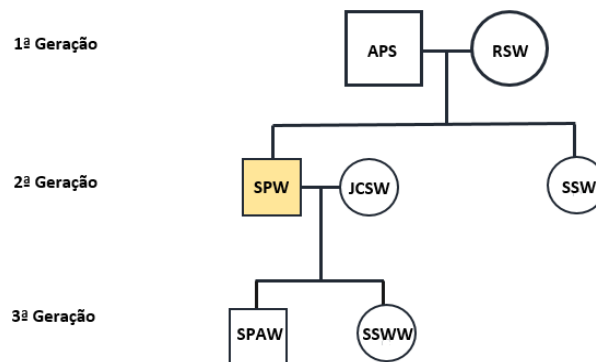
A família possui um bom nível de escolaridade. O pai, IES, é graduado em Licenciatura em Artes e a mãe, LOW, concluiu o Ensino Fundamental. Os dois filhos mais velhos estão no ensino superior: AW está cursando Fisioterapia Ocupacional na UFPA, em Belém, enquanto AIWW estuda Sistemas de Informação na Ufopa. O filho mais novo, AIW, concluiu o Ensino Médio e está se preparando para ingressar na universidade.

Em Oriximiná, os membros da família residem em uma casa alugada, localizada no bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma área central da cidade que dispõe de energia elétrica, água encanada e ruas asfaltadas. O sustento da família vem principalmente dos pais: o pai é professor na aldeia, e a mãe trabalha na agricultura.

Família V

A família V também é originária da aldeia Mapuera. É formada por 07 pessoas, todas do povo Wai Wai (etnia Wai Wai). São 02 da primeira geração, 03 da segunda e 02 da terceira (gráfico 5).

Gráfico 5 - Família V



Fonte: própria.

O casal da primeira geração, APS (64 anos) e RSW (54 anos), teve dois filhos: SPW (25 anos) e SSW (18 anos), ambos nascidos na aldeia. O filho mais velho, SPW, casou-se com JCSW e tiveram dois filhos, SPAW (5 anos) e SSWW (1 ano), nascidos na cidade, que representam a terceira geração da família.

A migração da família para Oriximiná aconteceu de forma direta, da aldeia para a cidade. O processo começou em 2009, quando SPW se mudou para cursar o ensino básico. Posteriormente, em 2011, a irmã SSW também se mudou para a cidade com o mesmo propósito. Os pais continuam morando na aldeia.

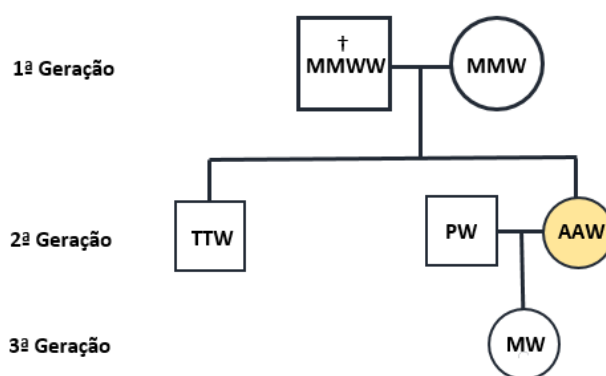
Em termos de escolaridade, a situação da família é a seguinte: APS (pai) concluiu o Ensino Médio, enquanto RSW (mãe) tem o Ensino Fundamental completo. SPW, o filho mais velho, está cursando Informática Educacional na Ufopa, e SSW, a filha mais nova, estuda Técnico em Enfermagem em uma instituição particular. JCSW, a nora, cursa Sistemas de Informação na Ufopa. Quanto aos netos, SPAW frequenta a Educação Infantil II e SSWW ainda não iniciou a vida escolar.

A família reside em uma casa própria no bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma área central de Oriximiná, com infraestrutura básica como energia elétrica, água encanada e ruas asfaltadas. O pai, APS, é o principal responsável pelo sustento da família, graças ao seu salário de funcionário público.

Família VI

A família VI é composta por 06 pessoas, todas Wai Wai, originárias da aldeia Mapuera. O pai (MMWW) que compõe a primeira geração já é falecido e a mãe (MMW) está com 70 anos. Esse casal teve 02 filhos, nascidos na aldeia: TTW (39 anos) e AAW (33 anos). A filha AAW formou família com PW e com ele teve 01 menina (MW) hoje com de 3 anos. O gráfico 6 mostra a constituição dessa família.

Gráfico 6 - Família VI



Fonte: própria.

Os membros dessa família se mudaram para Oriximiná em 2014. Vieram em busca de melhores condições de vida e também para estudar. Os pais (1ª geração) não chegaram a estudar. Os filhos (2ª geração) concluíram o Ensino Médio. A criança, da terceira geração, iniciou Educação Infantil I.

Em Oriximiná, moram todos juntos em sua casa (própria), situada no bairro São José Operário. Como já dito, nesse bairro tem energia elétrica, água encanada e rua asfaltada. Financeiramente, vivem com recursos da aposentadoria de MMW e das

rendas de TTW e PW, que trabalham de forma autônoma com venda de artesanato indígena e produtos industrializados (perfumes e outros).

3.1.1 Síntese da constituição familiar e moradia na cidade

A descrição acima apresentou dados contextuais das 06 famílias (39 pessoas) que participaram deste trabalho. Com exceção da família II (de Kwanamari) todas são originárias da aldeia Mapuera e residem em 3 bairros centrais de Oriximiná: São José Operário, São Pedro e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A residência dos Wai Wai nessa cidade se distingue da realidade de outros povos que vivem em centros urbanos, como acontece em Manaus, onde os indígenas residem, geralmente, em áreas periféricas (caso dos Tikuna e Sateré-Mawé). O quadro 3 resume as informações das famílias participantes.

Quadro 3 - Famílias participantes da pesquisa

Família	Aldeia	Etnias	Bairro em Oriximiná	Nº de pessoas por família
I	Mapuera	Wai Wai	São José Operário	10
II	Kwanamari	Hixkaryana	São José Operário	06
III	Mapuera	WaiWai	São Pedro	05
IV	Mapuera	WaiWai	N. S. do Perpétuo Socorro	05
V	Mapuera	WaiWai	N. S. do Perpétuo Socorro	07
VI	Mapuera	Wai Wai	São José Operário	06
Total de pessoas				39

Fonte: própria.

O motivo da migração é o mesmo para todas as famílias, isto é, busca por melhores condições de educação para os filhos, cujos pais são, quase todos, funcionários públicos (na aldeia ou na cidade). A vinda da T.I para Oriximiná deu-se de forma direta, a partir de 2002.

3.2 Situação de bi- e/ou plurilinguismo

Faz parte do repertório linguístico das famílias Wai Wai, participantes da pesquisa, 4 línguas: Língua Wai Wai (LWW), Língua Hixkaryana (LHX), Língua Portuguesa (LPT) e Língua Inglesa (LING). As duas primeiras foram adquiridas simultaneamente (bilinguismo simultâneo) pelos membros que as falam, quando ainda viviam na aldeia. As duas últimas foram adquiridas sucessivamente (bilinguismo sucessivo), motivada pelo ambiente escolar e pelo contato com as

18 pessoas da cidade. Nessas famílias todos os membros são bi- e/ou plurilíngues, conforme é possível observar no quadro 4.

Quadro³ 4 - Nível de bi- e/ou plurilinguismo das famílias participantes da pesquisa

FAMÍLIA I					
Geração	Familiares	Bilinguismo		Plurilinguismo	
		Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
1ª	PMS (pai)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING
	SCW (mãe)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
2ª	VPW (filho)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING
	VMW (filha)	-	-	LWW/LPT	LING
	VSW (filha)	-	-	LWW/LPT	LING
	GW (nora)	LWW/LPT	-	-	-
	GW (agregado)	LWW/LPT	-	-	-
3ª	VNW (neto)	LWW/LPT	-	-	-
	VRW (neto)	LWW/LPT	-	-	-
FAMÍLIA II					
Geração	Familiares	Bilinguismo		Plurilinguismo	
		Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
1ª	JESO (pai)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING
	SEW (mãe)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
2ª	JMW (filho)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING
	FFW (filha)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
	FEW (filha)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
	WW (genro)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
FAMÍLIA III					
Geração	Familiares	Bilinguismo		Plurilinguismo	
		Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
1ª	EFS (pai)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING
	CW (Mãe)	LWW//LPT	-	-	-
2ª	FEWW (filho)	-	-	LWW//LPT	LING
	FCW (filha)	-	-	LWW/LPT	LING
	KEW (filho)	LWW//LPT	-	-	-
FAMÍLIA IV					
Geração	Familiares	Bilinguismo		Plurilinguismo	
		Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
1ª	IES (pai)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING
	LOW (mãe)	-	-	LWW/LHX/LPT	LING

³ Os traços presentes nos quadros indicam situação linguística inexistente.

2ª	AW (filho)	-	-	LWW/LPT	LING
	AIWW (filha)	LWW/LPT	-	-	-
	AIW (filho)	LWW/LPT	-	-	-
FAMÍLIA V					
Geração	Familiares	Bilinguismo		Plurilinguismo	
		Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
1ª	APS (pai)	LWW/LPT	-	-	-
	RSW (mãe)	LWW/LPT	-	-	-
2ª	SPW (filho)	LWW/LPT	-	-	-
	SSW (filha)	LWW/LPT	-	-	-
	JCSW (nora)	LWW/LPT	-	-	-
3ª	SPAW (neto)	LWW/LPT	-	-	-
	SSWW (neta)	Em fase de aquisição linguística.			
FAMÍLIA VI					
Geração	Familiares	Bilinguismo		Plurilinguismo	
		Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
1ª	MMWW † (pai)	LWW/LHX	-	-	-
	MMW (mãe)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
2ª	TTW (filho)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
	AAW (filha)	-	-	LWW/LHX/LPT	-
	PW (genro)	LWW/LPT	-	-	-
3ª	MW (neta)	LWW/LPT	-	-	-

Fonte: própria.

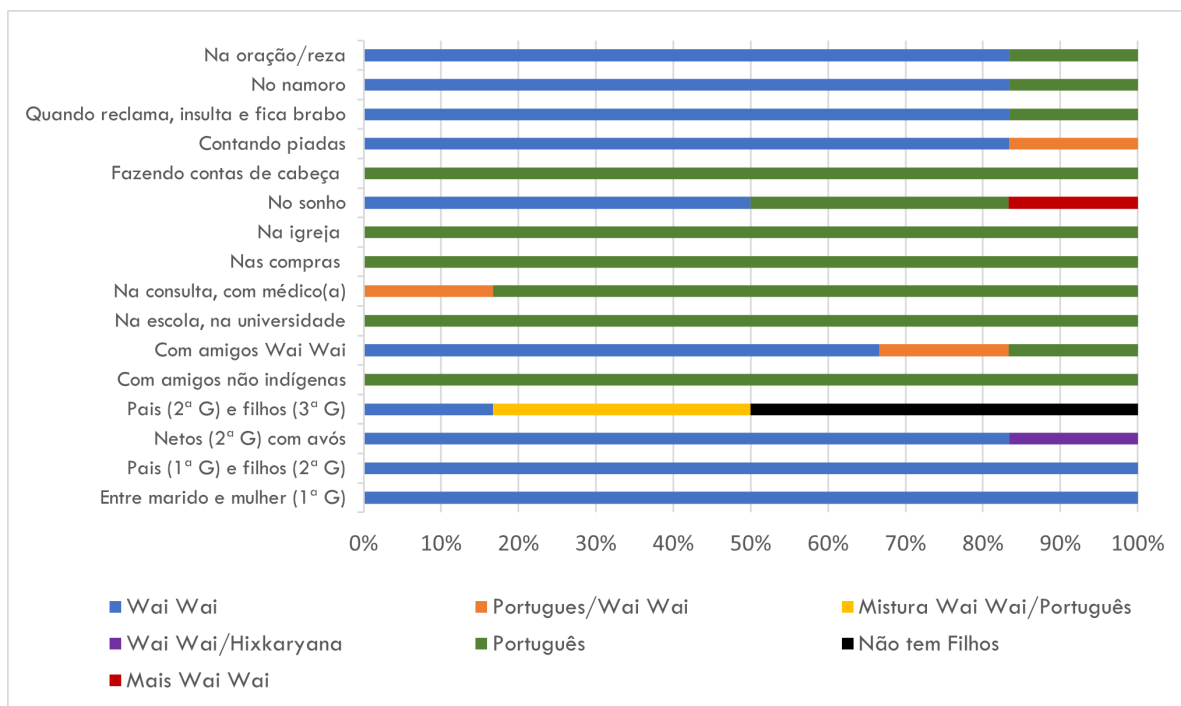
Ao analisar a situação linguística de cada família, constata-se que não há casos de monolinguismo. No total, as famílias apresentam a seguinte distribuição linguística: 16 pessoas bilíngues ativas em Wai Wai/Português; 01 pessoa bilíngue ativa em Wai Wai/Hixkaryana; 08 pessoas plurilíngues ativas em Wai Wai/Hixkaryana/Português; 07 pessoas plurilíngues ativas em Wai Wai/Hixkaryana/Português e passivas em Inglês; 06 pessoas plurilíngues ativas em Wai Wai/Português e passivas em Inglês; 01 criança em fase de aquisição da língua Wai Wai.

O plurilinguismo predomina entre os membros adultos das primeiras e segundas gerações, exceto pelos membros da família V, que são bilíngues em Wai Wai e Português. Os casos de bilinguismo são mais frequentes entre alguns membros da segunda geração e entre as crianças da terceira.

3.3 Usos e valor funcional das línguas

No repertório linguístico das famílias participantes, que inclui quatro línguas, observa-se uma predominância do uso de Wai Wai e Português, conforme gráfico 7.

Gráfico 7 - Usos das línguas de acordo com os domínios sociais



Fonte: própria, inspirado em Carvalho (2017). Lê-se: 1^a G = primeira geração e assim sucessivamente.

A língua Wai Wai é amplamente utilizada em contextos socioculturais específicos do povo, principalmente no ambiente familiar. É a língua de preferência para a comunicação entre adultos da mesma geração, entre cônjuges e entre pais e filhos das primeiras e segundas gerações, com um uso de 100%. Ela também é empregada em práticas como oração, namoro e expressões de emoções, com um uso de 85% para situações de raiva e frustração. No entanto, a interação entre pais da segunda geração e seus filhos da terceira geração é frequentemente marcada por uma mistura de Wai Wai e Português. Tal mistura ocorre em diversos contextos sociais e dentro de um mesmo enunciado, refletindo a influência predominante do português. Os pais relatam que, apesar de falarem em Wai Wai com seus filhos, as crianças tendem a responder em português, evidenciando a preferência das novas gerações pela língua dominante. Fatores como o tempo de residência na cidade, a interação com colegas de escola e vizinhos, e a percepção de que a língua indígena é vista como um obstáculo para a interação social contribuem para essa dinâmica. Em geral, muitos pais preferem que seus filhos aprendam o português, acreditando que isso ajuda a evitar o estigma social associado à língua indígena e promove uma melhor aceitação na sociedade não indígena. A língua portuguesa é amplamente empregada em todos os aspectos da vida urbana e para a comunicação em estabelecimentos públicos e privados da cidade. Um exemplo claro dessa predominância é que cálculos mentais são sempre feitos em português, refletindo a influência do sistema numérico ocidental. Além disso, alguns membros da primeira geração, embora

fluentes em português, optam por usá-la com pouca frequência devido ao medo de cometer “erros” e enfrentar preconceito. Este receio de estigmatização destaca uma preocupação com a correção e a aceitação social.

Nos contextos de consulta médica, contação de piadas e conversas entre amigos do mesmo povo, alguns participantes relatam alternar entre o português e o Wai Wai. Durante consultas médicas, a comunicação com o médico é feita em português, enquanto entre o paciente e o familiar acompanhante, utiliza-se o Wai Wai para verificar a compreensão das orientações médicas. Similarmente, na contação de piadas e histórias engraçadas, há uma alternância linguística, com o uso do português predominando em contextos que envolvem temas do mundo ocidental, enquanto o Wai Wai é usado para relatos e interações mais pessoais. Essa alternância também é observada nas conversas entre amigos do mesmo povo, refletindo a necessidade de ajustar a língua ao contexto e ao tópico discutido.

A língua Hixkaryana é empregada de forma rara, sendo utilizada principalmente por alguns membros da terceira geração que a falam com seus avós durante as visitas às aldeias em períodos de férias.

Em contraste com as línguas Karib e Portuguesa, o inglês, que também faz parte do repertório das famílias de I a IV, é usado de maneira passiva e não surge frequentemente nas respostas sobre usos linguísticos. Quando indagados sobre o contato com o inglês, os membros que afirmam compreendê-lo relataram ter pouco envolvimento com a língua. Aqueles que estão em ambiente universitário mencionaram que leem textos em inglês de forma limitada, enquanto outros restringem seu contato ao consumo de filmes e séries.

3.4 Atitude linguística e futuro da língua Wai Wai

O Quadro 5 apresenta dados que refletem a atitude linguística dos Wai Wai em relação às línguas em seu repertório, além de perspectivas sobre o futuro da língua Wai Wai.

Quadro 5 - Atitude linguística e futuro da língua Wai Wai

QUESTÕES	RESPOSTAS	
	Síntese	Famílias
1. Em qual língua se sentem mais confortáveis em falar?	“Wai Wai”	Todas
2. Que língua deve ser ensinada na escola, na comunidade?	“Wai Wai (1ª língua) / Português (2ª língua)”	I e II
	“Português para estudar na escola da cidade e na universidade	IV e V
	“Wai Wai”	III e VI
3. É importante falar a língua Wai Wai? Por quê?	“Sim, pra preservar”	I, II, III, V e VI
	“Sim, para que as crianças a aprendam”	IV

4. É importante falar o português? Por quê?	“Sim, para se comunicar com os brancos”	II, III, V e VI
	“Sim, para estudar e fazer tudo na cidade.”	I e IV
5. Como imaginam a língua Wai Wai daqui há uns 20/30 anos?	“Ainda será falada.”	II, V e VI
	“Será falada por poucas pessoas.”	I e IV
	“Não será mais falada.”	III
6. O que pensam sobre “falar português e Wai Wai misturado” numa mesma frase? Acontece com vocês?	“É normal misturar.”	III a VI
	Não pensamos nisso, mas misturamos.	I
	“Não misturamos.”	II
7. Vocês se sentem menos Wai Wai quando falam português?	“Não”	Todas
8. A língua Wai Wai corre algum risco de perder a prioridade de uso na sua família e na sua comunidade?	“Não”	II, IV, V e VI
	“Sim”.	I e III
9. Como avaliam o português que falam?	“Há falhas, devido dificuldades com gênero (masc./fem.), verbos e pronúncia.”	I, II, III, IV e VI
	“Há dificuldades em pronunciar e escrever textos.”	V
10. Açam importante que nos órgãos públicos, lojas ou supermercados de Oriximiná tenha alguém que fale a língua Wai Wai? Por quê?	“Sim. Ia ajudar bastante. Se tivesse funcionário Wai Wai, ele ia dar explicações na nossa língua e a gente não ia ter vergonha de falar.”	I
	“Sim. Facilitaria nossa comunicação.”	II, IV e V
	“Sim. Facilitaria nossa comunicação e ajudaria a fortalecer a língua Wai Wai.”	III
	“Sim. Ia ser mais confortável para nós.”	VI

Fonte: própria.

Os resultados indicam que, de modo geral, as famílias envolvidas no estudo demonstram uma atitude positiva em relação à sua língua nativa. Todos afirmaram sentir-se mais à vontade ao se comunicar em Wai Wai, e a maioria das famílias defende que a língua deve ser priorizada no contexto escolar das aldeias. Entretanto, duas famílias (IV e V) acreditam que o português deve ter prioridade nas escolas a fim de preparar os jovens para o ensino superior, evidenciando o papel do acesso à universidade como fator de incentivo para a aprendizagem da língua portuguesa.

No que diz respeito à vitalidade da língua Wai Wai nas próximas décadas, as respostas variam entre otimismo e preocupação: algumas famílias acreditam que a língua ainda será falada, enquanto outras prevêem um declínio; uma das famílias (III) expressou a preocupação de que a língua possa deixar de ser falada completamente. Esse sentimento de incerteza sobre o futuro da língua gera apreensão em parte da comunidade, especialmente em um contexto onde a mistura entre Wai Wai e português nas interações cotidianas é considerada normal por muitas famílias, sem que isso seja percebido como um risco imediato à preservação da língua.

Pesquisas sobre comunidades bilíngues apontam que a flutuação no uso das línguas em diferentes domínios sociais pode indicar um enfraquecimento do valor funcional de uma delas, levando à situação de bilinguismo instável (Fishman, 1971). Isso é particularmente preocupante no caso das línguas indígenas, que frequentemente enfrentam pressões externas, como a falta de políticas públicas de revitalização. Embora a Constituição Federal de 1988 reconheça o uso das línguas indígenas, o Brasil investe pouco em políticas linguísticas eficazes, tanto nas aldeias quanto nos centros urbanos. Segundo Monserrat (2006), o que existe é uma política de educação escolar bilíngue e intercultural que, na prática, muitas vezes não vai além do discurso.

As respostas dos participantes à pergunta sobre a presença de funcionários Wai Wai nos órgãos públicos e estabelecimentos comerciais de Oriximiná revelam um desejo comum: todos concordam que seria muito benéfico ter pessoas do povo ocupando essas posições, o que facilitaria a comunicação e traria mais conforto ao lidar com questões práticas, uma vez que poderiam se expressar em sua língua materna sem receios.

No que diz respeito ao português, todas as famílias o consideram essencial para a comunicação com não indígenas e para o desempenho de atividades na cidade. Nenhuma delas se sente menos Wai Wai por falar português, ao contrário, elas demonstram um desejo de aprimorar suas habilidades na língua dominante, reconhecendo dificuldades específicas, como o uso de gêneros (masculino e feminino), conjugação de verbos, pronúncia e escrita de textos.

Esse conjunto de dados revela os desafios que a língua Wai Wai enfrenta no contexto urbano e bilíngue, destacando a importância de intervenções que promovam a sua manutenção e valorização.

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos um levantamento da situação sociolinguística de famílias Wai Wai residentes em Oriximiná. Esta pesquisa foi realizada com base nas orientações teóricas da Sociologia da linguagem, um dos ramos da Sociolinguística. A partir da abordagem *Quali/Quanti*, descrevemos e analisamos: o bilinguismo individual e social, a atitude linguística e a continuidade ou descontinuidade da língua indígena.

A pesquisa envolveu seis famílias (39 pessoas), das quais cinco são originárias da aldeia Mapuera e uma de Kwanamari, que se mudaram para Oriximiná a partir de 2002 em busca de melhores oportunidades educacionais para seus filhos.

Atualmente, essas famílias residem em bairros centrais da cidade, e a maioria dos chefes de família ocupa cargos no setor público.

Os dados revelam que, na comunidade Wai Wai de Oriximiná, coexistem quatro línguas: Wai Wai e Hixkaryana, ambas da família Karib, e Português e Inglês. No que tange ao bilinguismo individual, 21 pessoas (53,85%) são plurilíngues (em Wai Wai, Hixkaryana, Português e Inglês), 17 pessoas (43,56%) são bilíngues (Wai Wai e Português), e uma criança (2,59%) está em processo de aquisição linguística.

A língua Wai Wai e o Português são amplamente utilizadas, com a Wai Wai predominando nos contextos relacionados à vida e cultura Wai Wai, e o Português sendo mais presente nas interações com a sociedade não indígena. Em alguns contextos, essas línguas se alternam e, ocasionalmente, se misturam, especialmente nas interações com as crianças. Embora a língua Wai Wai continue sendo uma parte vital da vida comunitária, os dados sugerem uma tendência preocupante: a invasão de domínios da língua Wai Wai pela Portuguesa. Isso indica um bilinguismo social instável, com uma possível inclinação para o monolinguismo em Português.

Nossa convivência com a comunidade Wai Wai já havia sinalizado essa situação, e a pesquisa confirmou essas percepções. Contudo, os dados obtidos são importantes para fomentar discussões - com associações e órgãos estaduais responsáveis pela educação - sobre a necessidade de políticas linguísticas mais efetivas. Consideramos crucial que os povos indígenas valorizem suas línguas e culturas para garantir sua vitalidade às gerações futuras do povo. No entanto, é igualmente essencial que o Estado forneça as condições materiais e imateriais necessárias para fortalecer as línguas indígenas, tanto em áreas urbanas quanto em aldeias. A atual situação de enfraquecimento etnolinguístico reflete uma relação assimétrica e desigual que os povos indígenas enfrentam historicamente. Portanto, a construção de políticas linguísticas eficazes deve ser uma responsabilidade compartilhada entre o Estado e os povos originários.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAIXETA DE QUEIROZ, R. Cosmologia e história waiwai e katxuyana: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (Yana). In: Grupioni, D. F. et al (Org.). **Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná**. 1ed. São Paulo: Comissão Pró-índio de São Paulo; Iepé, 2015, pp. 104-133.

CARDOZO, I. B.; VALE JR. I. C. do. 2012. **Etnozoneamento da Porção Paraense das Terras Indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera**. Porto Velho, Editora EDUFRO, 2012.

 <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i03.4034>

 <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

CARVALHO, A. L. F. de. **Atitudes linguísticas de universitários tikuna: uma análise da situação do contato português/tikuna**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

DE HEREDIA, C. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G. e BOULET, J. (orgs.), **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989. p. 117-219.

ESPOCABODE.COM.BR. **Histórico de Oriximiná**. Disponível em: <http://www.espocabode.com.br>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

FISHMAN, J. A. **Sociolingüistique**. Bruxelles/Paris, Labor/Nathan, 1971.

FISHMAN, J. A. Sociologia da Linguagem. In: FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. (orgs), **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 25-39.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Os indígenas no Censo de 2022**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br>. Acesso em: 24 de set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Oriximiná**. Censo 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/oriximina/panorama>. Acesso em: 24 set. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA, 2021a). **Terra Indígena Nhamundá-Mapuera**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3774>. Acesso em: 24 de set. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA, 2021b). **Terra Indígena Trombetas/Mapuera**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3951>. Acesso em: 24 de set. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA, 2021c). **Terra Indígena Wai Wai**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3900>. Acesso em: 24 de set. 2024.

MELLO, H. A. B. de. **O Falar Bilíngüe**. Goiânia: UFG, 1999.

MONSERRAT, R. M. F. Política e planejamento linguístico nas sociedades indígenas do Brasil hoje: o Espaço e o futuro das línguas indígenas. In: GRUPIONI, L. D. B. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: MEC, 2006. p.131-153.

PREFEITURA DE ORIXIMINÁ. **O município**. Disponível em: <https://www.oriximina.pa.gov.br>. Acesso em: 24 set. 2024.

26

RODRIGUES, L. M. S. **Educação Bilíngue em Território Indígena Waiwai/Aldeia Tawanã**. 2012. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

RODRIGUES, Aryon D. A originalidade das línguas indígenas Brasileiras. **Conferência realizada na UNB** em 8 de julho, Brasília, 1999. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/aryon>>. Acesso em: 24 set. 2024.

RODRIGUES, Aryon D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Revista Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 57, n. 2, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200018. Acesso em: 24 set. 2024.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013, p.14.

Recebido: 05/11/2024

Aceito: 30/12/2024

Publicado: 31/12/2024

